

# IDENTIDADES, COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS E PARQUES AMBIENTAIS: a produção de sentidos sobre a relação entre ser humano e natureza

Isabela Backx\*

## **Resumo**

Este trabalho desenvolve uma análise acerca da musealização de coleções arqueológicas em parques de preservação ambiental, almejando observar como essas instituições comunicam, em suas exposições, a relação histórica entre o ser humano e a natureza. Compreendendo que o debate acerca da crise ambiental constitui uma das principais temáticas pelas quais os indivíduos articulam a produção de suas identidades hoje em dia, objetiva-se debater qual é o discurso comunicado em algumas dessas exposições, analisando os interesses, contextos e poderes envolvidos. Para alcançar tais objetivos, em um primeiro momento se desenvolverá uma discussão a respeito da produção das identidades contemporâneas e da importância do diálogo com a questão ambiental nesse processo. Posteriormente, serão debatidos os primeiros resultados alcançados com o estudo do Museu do Homem Americano, localizado no Parque Nacional da Serra da Capivara (Piauí/Brasil). Nesse museu, de caráter arqueológico, o trabalho concentrou-se em analisar os diversos elementos expositivos, tais como objetos arqueológicos, painéis explicativos e esquemas de iluminação, debatendo o discurso produzido pela articulação entre esses. Por último, o trabalho se focará em apresentar os futuros caminhos dessa pesquisa, salientando a combinação dos resultados já obtidos à análise de outras exposições, a ser realizada em parques brasileiros e estadunidenses. Sendo assim, propõe-se uma reflexão acerca dos desafios relacionados à interpretação do patrimônio arqueológico, com o objetivo de observar o modo como determinados parques nacionais articulam a preservação cultural à ambiental, produzindo histórias e sentidos sobre a relação entre ser humano e natureza.

Palavras-chave: parques de preservação ambiental, musealização, coleções arqueológicas, identidades, Museu do Homem Americano.

---

\* Doutora em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-doutoranda do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Av. Professor Almeida Prado, 1466, Cidade Universitária, São Paulo, Brasil. isabela.backx@gmail.com.

## **Introdução**

A preservação do meio ambiente e da biodiversidade do globo terrestre têm figurado como temas centrais nos debates geopolíticos e patrimoniais da atualidade. Hoje em dia, assuntos como o desenvolvimento sustentável, a preservação dos recursos naturais e o consumo consciente são candentes em diversos setores da sociedade, figurando em debates que atingem desde o ambiente escolar até a elaboração de políticas públicas e projetos de desenvolvimento sustentável a nível mundial, como é o caso da agenda 2030 das Nações Unidas<sup>1</sup>. Nesse sentido, as preocupações em relação à preservação ambiental têm influenciado de modo expressivo a construção das identidades culturais, evocando a produção de novos sentidos e modos de vida que possibilitem aos seres humanos viver em maior equilíbrio com a natureza.

Nesse processo de produção das identidades as referências patrimoniais dos indivíduos e das coletividades exercem papel fundamental. Ao tornar-se a representação da memória e da cultura de uma comunidade, o patrimônio, através de suas práticas e discursos, assume uma imensa força de subjetivação, pois possibilita a visualização da memória de um grupo e a constituição de identidades culturais, já que constrói os lugares de onde os indivíduos e as coletividades podem se posicionar para pensar sobre sua história, sobre quem eles são ou sobre quem eles poderiam ser (WOODWARD, 2000).

Tal processo vem sendo caracterizado, a partir da segunda metade do século XX, por debates relativos à importância do meio ambiente nas relações humanas. A década de 1960 foi marcada pelo movimento da contracultura e o fortalecimento dos movimentos civis ligados ao feminismo, aos negros e aos grupos LGBTs, sendo também fortemente influenciada pela publicação de obras-chave para o movimento ambientalista, tais como os livros “Primavera Silenciosa” (1962), da bióloga Rachel Carson, e “Nosso Ambiente Sintético” (1962), do filósofo Murray Bookchin. Essas obras abordaram o impacto de pesticidas e aditivos químicos alimentares na saúde humana, denunciando os efeitos, a longo prazo, da contaminação e depredação do meio ambiente para a vida no planeta.

Nesse cenário de contestação, o movimento ambientalista instigou o surgimento de novas propostas desenvolvimentistas, possibilitando que na década de 1970 seus discursos ganhassem uma maior amplitude, decorrente principalmente da criação de novos mecanismos de associativismo formados pela sociedade civil. Assim,

---

<sup>1</sup> Trata-se de um plano de ação elaborado pelas Nações Unidas com 17 objetivos de desenvolvimento sustentável e 169 metas a serem atingidas até o ano de 2030, as quais objetivam erradicar a pobreza e promover as condições necessárias para que todos os seres humanos alcancem uma vida digna.

organizações como o Greenpeace, criado em 1971, e a WWF (*World Wide Fund For Nature*), criada dez anos antes, ganharam força e espalharam-se por diversos países do globo, no mesmo contexto em que a Organização das Nações Unidas (ONU) realizava sua primeira conferência sobre o Ambiente Humano (1972), ocasião em que lançou o seu “Manifesto Ambiental”, alertando sobre a grande necessidade de que os seres humanos, em sua totalidade, desenvolvessem conhecimentos e modos de vida que lhes permitissem viver em equilíbrio com o meio ambiente.

Valendo-se dos grandes avanços científicos e tecnológicos alcançados a partir de 1970, principalmente das novas ferramentas de informação e comunicação, como a internet, as organizações ambientalistas buscaram difundir a nível mundial os debates acerca da necessidade premente de uma maior consciência social e ecológica, modificando o modo como grande parte da população do globo pensa a sua relação com a natureza. Esse ultrapassar das barreiras nacionais também foi responsável por dar certos contornos ao discurso ambientalista, compreendido no reconhecimento da importância de se exercer uma cidadania sem fronteiras, assim como no estabelecimento de um novo princípio ético: o da responsabilidade. De acordo com esse discurso, tal princípio deveria ser aplicado sobre as relações entre seres humanos e meio ambiente, sobretudo na produção e uso dos avanços científicos e tecnológicos, compreendidos ao mesmo tempo como os causadores e solucionadores da crise ambiental (BORGES, 2010).

Nesse sentido, o sentimento de crise encontra-se na base do discurso ambientalista, e a responsabilidade de cada indivíduo sobre o meio ambiente é compreendida dentro de um contexto mais amplo, no qual a preocupação ética pela preservação deve ser adotada no conjunto da sociedade. Em outras palavras, para que a responsabilidade não se restrinja apenas a certos campos, como o científico ou tecnológico, ela deve ser subjetivada pela sociedade como um todo, no contexto de uma cidadania sem fronteiras (BORGES, 2010).

Assim, o ambientalismo postula a ação conjunta de todos os seres humanos, preconizando uma identidade ambiental baseada na unidade da espécie humana e na sua responsabilidade sobre o meio ambiente.

Levando em conta esses aspectos basilares do movimento ambientalista, desenvolvemos uma pesquisa que se lança ao desafio de analisar como os discursos expositivos de importantes unidades de conservação da natureza influenciam na produção das identidades culturais, apontando como eles dialogam com esses consensos ambientalistas e, ao mesmo tempo, assinalando os contextos, interesses e

jogos de poder envolvidos na sua produção. Os primeiros resultados são relativos ao Museu do Homem Americano (MHA) e encontram-se apresentados a seguir.

### **O Museu do Homem Americano e a produção de identidades ambientais**

O MHA foi criado em 1994, na cidade de São Raimundo Nonato, interior do Piauí. Seu objetivo é comunicar os resultados das pesquisas arqueológicas realizadas desde 1973 no Parque Nacional da Serra da Capivara (PNSC), criado em 1979 com o objetivo de fornecer proteção ao patrimônio ambiental e cultural da região.

O PNSC possui uma extensão de aproximadamente 129.000 hectares e apresenta uma das maiores concentrações de sítios pré-históricos do mundo. Segundo o site da instituição, até 2018 foram registrados mais de mil sítios arqueológicos na região. Essa importância cultural fez com que o parque fosse tombado pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade em 1991. Em 1986, com o objetivo de melhor organizar as pesquisas levadas a cabo na região e aplicar os resultados obtidos por essas no desenvolvimento local, criou-se a Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), dirigida desde então pela arqueóloga brasileira Niède Guidon. Os trabalhos realizados por essa instituição alçaram o status da pesquisa arqueológica no Brasil e dotaram a Serra da Capivara de uma importância fundamental para a compreensão dos processos humanos migratórios ao redor do mundo e, ao mesmo tempo, foram responsáveis por desenvolver um projeto de dimensão social, ambiental e econômica que logrou melhorar admiravelmente a qualidade de vida de milhares de pessoas que habitam a região por meio da instalação de escolas e de estruturas de melhoria sanitária e urbana.

O MHA é dirigido pela FUDHAM, a qual traçou como um de seus objetivos principais o auxílio ao desenvolvimento econômico da região, estabelecendo também, no conjunto de seus trabalhos de pesquisa científica e de difusão, uma importância ímpar ao meio ambiente e sua relação com os seres humanos, de tal modo que seus projetos de incentivo econômico estão fortemente ligados à preservação ambiental.

Essa grande importância dada ao meio ambiente encontra-se presente de modo marcante na primeira exposição permanente do MHA, inaugurada em 1998 e atualizada em 2004 (Figura 1). A análise do conjunto documental de tal exposição demonstrou que um dos objetivos principais dessa se concentrava em defender a validade das datações arqueológicas obtidas nas escavações do PNSC, as quais apontam para uma ocupação humana antiga na região que remontava a 100.000

anos, estratégia que demonstra a capacidade dos museus de serem espaços de legitimação do conhecimento.

Assim, de acordo com o guia dessa exposição, o primeiro módulo se concentrava em apresentar “*uma síntese sobre as origens da espécie humana*” (FUMDHAM; MISSION ARCHÉOLOGIQUE ET PALÉONTOLOGIQUE DU PIAUI, 1998), comunicando a mensagem da antiguidade dessa origem na região da Serra da Capivara. A defesa dessa ocupação antiga foi realizada por meio de recursos expositivos que comunicavam a mensagem da existência de um equilíbrio perfeito, antigamente, entre os grupos humanos que habitavam essa região e a exploração dos recursos naturais, o que era realizado por meio da disponibilização de belas imagens computadorizadas, em painéis backlight, que representavam esses grupos do pleistoceno convivendo com uma flora e fauna exuberantes.



**Figura 2** - Aspecto geral da segunda sala. Museu do Homem Americano, primeira exposição. Fonte: Arquivo FUMDHAM.

No canto esquerdo da fotografia acima é possível visualizar parte dos painéis com imagens reais das pinturas rupestres, enquanto à sua frente imagens geradas por computador complementavam a exposição. Um pouco antes de visualizar essas, os visitantes deparavam-se com dois painéis textuais que comunicavam ao público

informações como os métodos utilizados para a datação das pinturas, as duas grandes classes em que essas foram divididas (Tradição Nordeste e Tradição Agreste) e a sua importância para o estudo das suas antigas sociedades produtoras, como pode ser visto na citação abaixo:

No Parque Nacional Serra da Capivara encontra-se uma das mais importantes concentrações de sítios arqueológicos do mundo, com pinturas e gravuras rupestres pré-históricas [...]. A narratividade e a diversidade das pinturas rupestres fazem desses sítios uma fonte de história visual, que permite reconstituir a vida das primeiras sociedades da região<sup>2</sup>.

Ao salientar a importância das pinturas como fontes históricas, o excerto acima comunicava equivocadamente a mensagem de que, por meio dessas fontes, seria possível reconstituir a vida dos antigos habitantes da região. Diversos autores e debates historiográficos (CARR, 2006; JENKINS, 2013; MOSER & SMILES, 2005a; entre diversos outros) salientam a impossibilidade de alcançar a reconstituição exata do passado, independentemente das fontes utilizadas, sejam elas textos, fotografias, imagens computadorizadas ou vídeos, entre inúmeras outras possibilidades. Nesse sentido, ao invés de sustentar a reconstituição de um passado, seria mais adequado pensar na existência de diversos deles, salientando que aquilo a ser comunicado pela exposição é uma das muitas possibilidades de compreender a vida dessas sociedades.

Assim, torna-se importante destacar a função legitimadora que tal afirmação exercia no contexto da exposição. Ao introduzir a seção de pinturas rupestres com essa sentença, produzia-se a mensagem de que todo o conteúdo apresentado a seguir era uma verdade total e completa, já que era o resultado de estudos científicos realizados a partir de vestígios das sociedades passadas, deixando de mencionar que este correspondia a apenas um dos muitos aspectos do conhecimento sobre o passado, em constante transformação.

Apesar de comunicar sucintamente essa mensagem no primeiro módulo, onde um dos painéis afirmava que a cadeia evolutiva apresentada na exposição era sujeita a revisões e que o conteúdo exposto a respeito do processo evolutivo era “o estado atual das descobertas que, com certeza, em breve, apresentarão novos dados [...]”<sup>3</sup>, a articulação dos recursos expositivos na segunda sala favorecia a produção daquele discurso legitimador, pois em frente à seção de pinturas rupestres foram

---

<sup>2</sup> Painel sobre pinturas rupestres. Segunda sala do MHA, primeira exposição. Fonte: Arquivo FUMDHAM.

<sup>3</sup> Painel sobre o processo evolutivo do ser humano. Primeiro módulo do MHA, primeira exposição. Fonte: Arquivo FUMDHAM.

disponibilizadas imagens geradas por computador que, com base nas pesquisas realizadas pela FUMDHAM, apresentavam as propostas dessa de como a fauna, a flora e os indivíduos deveriam interagir na região da Serra da Capivara na época do pleistoceno.

Desse modo, essas imagens carregavam por si mesmas um grande poder de convencimento, pois supostamente forneciam aos visitantes uma espécie de retrato de antigamente. Nesse contexto, vale salientar que as representações nunca são inocentes. No caso de imagens, essas não devem ser consideradas cópias precisas de uma experiência visual, mas produções que procuram estabelecer modelos relacionais confiáveis (MOSER; SMILES, 2005b).

Assim, na segunda sala do Museu do Homem Americano a articulação entre texto, fotografias de pinturas reais e imagens computadorizadas fortalecia os dados da fundação e comunicava ao visitante a mensagem de que essas eram irrefutáveis, permitindo-lhe até mesmo visualizá-las.

Esses primeiros módulos da exposição não apresentavam objetos arqueológicos, mas somente painéis, estratégia que era modificada no terceiro módulo da exposição, localizado num mezanino. Nesse, a exposição apresentava, por primeira vez, os vestígios materiais deixados pelos grupos humanos que eram o foco da exposição, exibindo logo ao centro da sala um conjunto de líticos e outro de cerâmicas produzidos entre o período compreendido de 60.000 anos atrás até a chegada dos colonizadores.

Em todas as salas, as referências textuais e vestígios pertencentes às sociedades que habitaram a região após a chegada dos europeus foram deixados de fora, caracterizando uma escolha que permite compreender melhor o foco dessa sala, concentrado em abordar os vestígios produzidos pelos seres humanos que viveram na região até a chegada dos colonizadores. Nesse sentido, o guia da exposição deixava claro que o mezanino prestava uma homenagem aos primeiros:

Um dia, chegaram os brancos. Trouxeram novas maravilhas da tecnologia humana, entre elas, as armas de fogo que semearam a morte e que fizeram com que as Américas perdessem suas etnias, suas culturas autóctones. Trouxeram a riqueza tecnológica mas acabaram com um mundo de criatividade e sonho. Sua indústria tem donos: patentes e nomes dos inventores.

Nestas vitrinas expomos a tecnologia que foi criada no Parque Nacional Serra da Capivara, entre 60.000 anos e a chegada dos colonizadores. Esta indústria não tem patentes, nem donos, mas ela é a origem de nosso desenvolvimento industrial. Citamos Walter Benjamim: “É mais árduo honrar a memória dos sem-nome do que a dos renomados. A construção histórica é dedicada à memória dos sem nome” (FUMDHAM; MISSION ARCHÉOLOGIQUE ET PALÉONTOLOGIQUE DU PIAUI, 1998, p. 29).

Esse excerto demonstra uma posição crítica em relação aos colonizadores, ao mesmo tempo em que exalta os indígenas que habitavam antigamente a região da Serra da Capivara, como ocorre também no segundo módulo. Parecendo desejar retratar o que ocorreu após o encontro de ambos, o resto do mezanino apresentava vestígios que abordavam a relação desses últimos com a morte, tais como urnas funerárias e enterramentos, além de esqueletos humanos.

De modo geral, a exposição produzia a ideia de que esses seres humanos, na antiguidade, conviviam equilibradamente com a natureza, até a chegada dos colonizadores. Tal mensagem era fortalecida ainda com a criação de uma contraposição entre a exuberância do meio ambiente nesse período e na atualidade, o que acontecia na última sala da exposição, onde imagens da fauna e flora atuais eram acompanhadas de informações que denunciavam o desaparecimento da biodiversidade da região devido à ação depredatória dos seres humanos. A comunicação dessa mensagem fazia parte dos objetivos da primeira exposição, pensada para dar lugar a um ecomuseu:

Foi terminado o prédio do Museu do Homem Americano que abrigará a exposição sobre o povoamento da região, sobre a história do Homem na região e suas relações com o meio ambiente. O Museu é um Eco-Museu que deverá mostrar como o Homem primitivo se integrava perfeitamente aos ecossistemas que ocupava. Mostrará como a região, antigamente próspera e habitada por sociedades equilibradas e ricas, tornou-se um bolsão de miséria desde que nela foi implantado um padrão econômico típico do colonialismo (FUMDHAM *apud* GONÇALVES, 2016, p. 52).

Assim, essa exposição denunciava a degradação do meio ambiente na região da Serra da Capivara, demonstrando, ao mesmo tempo, que era possível viver em perfeito equilíbrio com este ao comunicar a mensagem de que isso ocorria no início do povoamento da América. Para além disso, a exposição também sustentava que a criação do parque seria a solução para deter a degradação, assim como para o problema da miséria na região, já que por último a exposição apresentava painéis fotográficos que retratavam a região na década de 1970, os quais, segundo o guia do museu, mostravam aos visitantes os trabalhos da FUMDHAM com a criação de “escolas e oficinas que preparam a juventude para a nova vida que se abre para todos graças ao Parque Nacional Serra da Capivara” (FUMDHAM; MISSION ARCHÉOLOGIQUE ET PALÉONTOLOGIQUE DU PIAUI, 1998, p. 38).

A ideia de que o parque seria a solução para os problemas ambientais e econômicos da região também estava presente em outros documentos da FUMDHAM, a exemplo do livro “Parque Nacional Serra da Capivara”, publicado pela fundação em 1998 e que



ao abordar a colonização da região no século XIII afirmava que “Hoje, a região não é mais rica e somente o desenvolvimento do Parque Nacional Serra da Capivara poderá trazer de volta o equilíbrio e a prosperidade” (ARAÚJO et al., 1998).

O processo de legitimação desse discurso, o qual era difundido no MHA e responsabilizava o PNSC e o conjunto de trabalhos realizados nele por solucionar os problemas da região, apoia-se na produção de uma narrativa de origem com visão romântica a respeito dos primeiros grupos que habitaram o continente americano, sustentando que estes teriam desenvolvido o modo de vida ideal para conviver em perfeita harmonia com o meio ambiente, modo que poderia ser resgatado e reestabelecido nos dias de hoje.

Esse tipo de narrativa produz uma representação dos primeiros grupos humanos que os dota de certa autoridade, de modo que os conhecimentos destes são compreendidos como superiores a qualquer outro desenvolvido posteriormente. Nesse sentido, cabe ressaltar que as representações são problemáticas por sua própria natureza, já que elas nunca podem estar presentes, ou seja, representações necessitam ser mediadas, o que torna claro que a sua produção envolve interesses, poderes e contextos relativos a certas circunstâncias culturais (PRIVATEER, 2005).

Quanto à representação desses grupos humanos, a circunstância cultural em que ela foi produzida está permeada pela grande importância dada à preservação do meio ambiente, temática pulsante na sociedade hoje em dia e defendida fortemente no MHA. Desse modo, pode-se afirmar que essa narrativa de origem, que produz um discurso a respeito de um ser humano que haveria vivido em perfeito equilíbrio com a natureza, ou seja, um “Homem” ecológico, foi construída com base nos anseios atuais da sociedade e em sua preocupação com o desequilíbrio ambiental.

Nesse sentido, é importante salientar que os discursos não apenas apontam para os anseios de um determinado momento histórico. Como eles são investidos de uma suposta legitimidade, concedida a eles por jogos de verdade e estratégias de poder, eles se relacionam com as práticas sociais para produzir efeitos de poder, os quais regulam os indivíduos e as coletividades (FOUCAULT, 2008). Nesse sentido, esse discurso de um “Homem” americano ecológico, comunicado pelo MHA, concede autoridade a aqueles que são supostamente capazes de recuperar e restaurar o modo de viver desse, ou seja, o próprio MHA e a FUMDHAM, os quais regulam as práticas sociais e os saberes dessa região com a intenção de dar forma às identidades por meio desse “Homem” ecológico.

Já na segunda exposição do MHA, inaugurada em 2009, essa conexão entre indivíduo e natureza perde sua força, pois a instituição abandona o projeto de um ecomuseu para concentrar-se exclusivamente na comunicação dos vestígios antrópicos encontrados no parque. No entanto, certas características da primeira exposição são mantidas, a exemplo da narrativa da origem, presente de modo marcante na primeira sala, assim como as poucas referências que são feitas à comunidade que ocupa atualmente a região.

Com o objetivo de compreender como esses discursos são produzidos por outras importantes instituições de preservação ambiental, os futuros trabalhos dessa pesquisa se concentrarão em observar a existência de similaridades e diferenças entre o discurso produzido pelo MHA e aquele de outras instituições estadunidenses e brasileiras, que trabalhem com a preservação ambiental aliada à produção de comunicações expográficas voltadas à relação histórica entre o ser humano e a natureza, almejando compreender como se dá, na contemporaneidade, o processo de produção das identidades culturais por meio do diálogo com a questão ambiental.

A importância em traçar essa comparação e levantar as possíveis relações travadas entre os discursos comunicados por essas exposições está relacionada à relevância do Brasil e dos EUA no cenário mundial ambiental. O Brasil concentra em suas fronteiras a maior biodiversidade do planeta, além de grandes extensões de florestas e reservas de água doce, fatores que lhe possibilitam ocupar um importante lugar no atual cenário da geopolítica mundial. Passando por um momento de reconfiguração, a geopolítica contemporânea foi caracterizada pela economista Marília Steinberger (2006) como fruto de diversas relações de poder dos atores sobre o território, o que, devido às características supracitadas e à grande extensão territorial, confere ao Brasil papel de destaque nesse cenário.

Os EUA, por sua vez, é ao lado da China o país que mais consome recursos naturais no mundo, possuindo influência marcada na elaboração e manutenção das políticas ambientais mundiais. Sua relação entre consumo e meio ambiente, suas políticas internas e o seu comprometimento ou não com tratados ambientais internacionais, tais como o Protocolo de Quioto<sup>4</sup> e o Acordo de Paris<sup>5</sup>, são capazes de influenciar o modo

---

<sup>4</sup> Tratado complementar à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, define metas de redução de emissões de gases de efeito estufa (GEE). No primeiro período de compromisso, entre 2008 e 2012, os países signatários comprometeram-se a diminuir suas emissões em 5% em relação aos níveis de 1990. No segundo período, entre 2013 e 2020, o comprometimento passou a ser pela redução de 18%. Informações disponíveis em: <http://www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/protocolo-de-quioto>. Acesso em: 20 mai. 2018.

<sup>5</sup> Tratado sob a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima, rege medidas de redução de emissão de dióxido de carbono a partir de 2020. Informações disponíveis em: <http://www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/acordo-de-paris>. Acesso em: 20 mai. 2018.

como diversos outros países do mundo se relacionam com o seu território e exploram seus recursos naturais.

Dessa maneira, é possível afirmar que as políticas preservacionistas brasileiras e estadunidenses são capazes de influenciar os modos pelos quais as coletividades e os indivíduos se relacionam com os recursos naturais, e que tais políticas ocupam um papel chave na configuração dos novos modos de viver e de produzir as identidades por meio de uma compreensão contemporânea a respeito da importância do meio ambiente.

A seleção dos parques e exposições a serem analisadas foi realizada levando em conta a importância dessas instituições para a articulação de uma memória coletiva e o reconhecimento de sua importância como lugares de preservação patrimonial, assim como o grande número de visitantes que conseguem reunir. Tais critérios apontaram para as seguintes instituições: Parque Nacional da Tijuca (Rio de Janeiro), Parque Nacional do Iguaçu (Paraná), *Mesa Verde National Park* (Parque Nacional de Mesa Verde/ Colorado), *Grand Canyon National Park* (Parque Nacional do Grande Canyon/ Arizona).

Os quatro parques selecionados obedecem a critérios relacionados ao seu reconhecimento como importantes instituições de preservação patrimonial, ao trabalho que realizam com o resgate e a comunicação das histórias de suas regiões e à capacidade que possuem de alcançar um grande número de visitantes. Três desses parques são listados como patrimônios mundiais pela UNESCO, com exceção do Parque Nacional da Tijuca, o qual, no entanto, exerceu papel fundamental no reconhecimento de toda a cidade do Rio de Janeiro como Patrimônio Mundial. Além disso, também foi levado em conta o número de visitantes que esses parques recebem anualmente, pensando na capacidade que as suas exposições possuem de sensibilizar uma grande quantidade de pessoas.

Nesse sentido, o critério mais importante aplicado a essa seleção está relacionado à existência, dentro desses parques, de exposições bem estruturadas que abordem a história da ocupação humana em suas respectivas regiões. Assim, foram selecionadas as instituições com exposições que não trabalham apenas a comunicação do patrimônio natural, mas que o articulam à ocupação humana e produzem histórias e sentidos a respeito do relacionamento histórico entre seres humanos e natureza. É por meio da análise dessas exposições, organizadas em importantes unidades de conservação ambiental e com potencial de influenciar uma grande variedade de pessoas, que esta pesquisa almeja contribuir para a compreensão dos meios pelos quais as identidades

culturais são construídas atualmente, observando como essas dialogam com a questão ambiental e procurando demonstrar quais os interesses, contextos e jogos do poder envolvidos nisso.

## Referências

- ARAÚJO, A. *et al. Parque Nacional Serra da Capivara. Piauí-Brasil*. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 1998.
- BOOKCHIN, M. *Our Synthetic Environment*. New York: Knopf, 1962.
- BORGES, R. G. Identidade e meio ambiente: possíveis aproximações entre indigenismo e ambientalismo. *Anais... IX Encontro Internacional da ANPHLAC*. 2010.
- CARR, E. H. *Que é história*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.
- CARSON, R. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FUMDHAM; MISSION ARCHÉOLOGIQUE ET PALÉONTOLOGIQUE DU PIAUI. *Museu do Homem Americano*. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 1998.
- GONÇALVES, R. M. *Do outro lado do espelho: fundamentos teóricos-poéticos para o Museu do Homem Americano*. 2016. 203 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2016.
- JENKINS, K. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MOSER, S.; SMILES, S. *Envisioning the past: archaeology and the image*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2005a.
- MOSER, S.; SMILES, S. Introduction: The Image in Question. In: SMILES, S.; MOSER, S. (Eds.). *Envisioning the Past*. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2005b.
- PRIVATEER, P. Romancing the Human: The Ideology of Envisioned Human Origins. In: SMILES, S.; MOSER, S. (Eds.). *Envisioning the Past*. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2005.
- STEINBERGER, M. *Território, ambiente e políticas públicas espaciais*. Brasília: LGE/Paralelo 15, 2006.
- WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.